Tradução de “A nova era”, de Gibran Khalil Gibran

Matheus Menezes[1]

Resumo: Este artigo apresenta a tradução ao português do texto “A nova era” (*al-ʿahd al-jadīd*)[2], de Gibran Khalil Gibran (1883-1931), acompanhada de uma breve reflexão crítica sobre as relações intelectuais entre autores da diáspora árabe norte-americana e sul-americana. Tomando como base a recepção da obra de Gibran pelos autores que compuseram a *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes* (1935-1953), periódico publicado no Brasil por imigrantes árabes, questiona-se certa interpretação, consolidada nos estudos acadêmicos, de que autores árabes emigrados para a América do Sul teriam mantido, de forma irredutível, postura conservadora afastada do projeto de renovação literária que tomou forma entre parte da intelectualidade árabe desde meados do século XIX. A partir de editoriais que debatem tendências renovadoras e fazem constantes referências a autores do Norte, argumenta-se que parte significativa dos intelectuais da América do Sul participou ativamente de discussões sobre renovação estética e literária das letras árabes. Nesse contexto, a tradução de “A nova era” é tomada não apenas como um exercício de tradução, mas como documento que joga luz nos fluxos e contrafluxos literários entre distintos pólos da diáspora árabe nas Américas. O texto de Gibran, que se vale de afiados elementos retóricos para criticar o tradicionalismo estético, evidencia tensões de uma querela recorrente em muitos sistemas literários: o embate entre tradição e renovação. Consequentemente, o texto contribui para repensar o papel da diáspora árabe sul-americana nesse processo de renovação intelectual e literária.

Palavras-chave: Literatura árabe; Mahjar; Gibran Khalil; Tradução; Arquivo.

TRANSLATION OF “THE NEW ERA”, BY GIBRAN KHALIL GIBRAN

Abstract: This article presents the first Portuguese translation of Gibran Khalil Gibran's text "The New Age," accompanied by a critical reflection on the intellectual relations between authors of the North American and South American Arab diaspora. Based on the reception of Gibran's work by the authors who contributed to the *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes* (1935-1953), a periodical published in Brazil by Arab immigrants, it questions a certain consolidated interpretation that Arab authors who emigrated to South America maintained an irreducibly conservative stance, detached from the literary renewal project that took shape among part of the Arab intelligentsia from the mid-19th century onwards. Using editorials that discuss the renewing trends and constant references to authors from the North, it argues that a significant portion of South American intellectuals actively participated in debates on the aesthetic and literary renewal of Arabic literature. In this context, the translation of "The New Age" is taken not only as an exercise in translation, but as a document that sheds light on the literary flows and counterflows between different poles of the Arab diaspora in the Americas. Gibran's text, which uses sharp rhetorical

[1] Pesquisador na Cátedra Edward Saïd de Estudos da Contemporaneidade, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Doutorando em Estudos Literários e Culturais pela Universidade de São Paulo. Email: matheus.menezes@usp.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-1473-0675.

[2] Todas as transliterações seguem a tabela ALA-LC (*American Library Association and Library of Congress*), 2012.

elements to criticize aesthetic traditionalism, reveals tensions in a dispute akin to almost every literary system: the clash between tradition and renewal. Consequently, the text contributes to rethinking the role of the South American Arab diaspora in this process of intellectual and literary renewal.

Keywords: Arabic literature; Mahjar; Gibran Khalil; Translation; Archive.

Introdução

À primeira vista, pode parecer curiosa a escolha de um texto de Gibran Khalil Gibran (1883-1931), figura maior do *Mahjar*[3] norte-americano, em uma seção cujo foco principal são as memórias do arquivo da diáspora sul-americana. A escolha da tradução e publicação de um texto de Gibran se justifica porque ela ajuda a desenrolar uma imbricada teia de fluxos e contrafluxos literários e intelectuais, que ainda deve ser mais bem explorada, entre autores imigrantes árabes da América do Norte e América do Sul.

Nos estudos sobre autores inseridos no contexto do *Mahjar*, sobretudo naqueles desenvolvidos em alguns países do capitalismo central, foca-se de maneira superlativa nos traços distintivos entre autores do Norte e do Sul. Os primeiros se afastam da tradição clássica e representam um sopro de renovação para as letras árabes; ao passo que o segundo grupo é formado, em linhas gerais, por autores apegados à tradição neoclássica, representantes de uma literatura tradicionalista, com exceções pontuais, e cuja maior contribuição ocorreu em âmbito extraliterário, ou seja, para a consolidação de um pensamento pan-arabista e nacionalista.

A título de ilustração, tomemos alguns autores como referência: Badawi, Lillo, Civantos e Jayyusi. Badawi classifica o *Mahjar* sul-americano nas seguintes palavras:

> No geral, aqueles (autores árabes) que se estabeleceram na América Latina são menos extremistas, e certamente menos unânimes na reação contra a cultura árabe tradicional; em teoria e prática, eles evidenciam maior preocupação pela preservação de valores culturais tradicionais. (Badawi, 1975, p. 181)[4]

Ao passo que os autores do Norte procuravam:

> [...] se afastar da tradicional preocupação excessiva com a mera habilidade verbal, e procurar escrever uma literatura que se encaixasse nos tempos modernos, uma literatura que primordialmente se distingue pela aguçada sensibilidade e pensamento sutil. (*ibid.*, p. 182)[5]

Já Lillo diz que: “ao passo que o grupo meridional advogará por uma linguagem mais inovadora e cantará toda a existência, daí sua nuance universal, o sulista seguirá

[3] Termo que pode ser traduzido literalmente como “lugar para qual se migra”, designa, em linhas gerais, a produção intelectual e literária de imigrantes árabes nas Américas.

[4] No original: “*On the whole the ones who settled in Latin America are less extremist, and certainly less unanimous in their reaction against traditional Arab culture; both in their theory and in their practice, they show more concern for the preservation of traditional cultural values.*”

[5] No original: “[...] *turning away from the traditional excessive preoccupation with mere verbal skill, and by seeking to write a literature that suited the requirements of modern times, a literature distinguished primarily by keen sensibility and subtle thought*”.

padrões linguísticos mais clássicos e, em geral, uma linha mais conservadora" (Lillo, 2009, p. 353).[6]

Civantos segue na mesma toada, dando ênfase à contribuição pan-arabista da tradição sul-americana:

> Os emigrantes da América do Norte eram mais universalistas em perspectiva (acreditando que todas as pessoas e criaturas estão conectadas com o divino e serão reconciliadas a Ele), enquanto a contrapartida do sul tendia mais ao nacionalismo ou ao pan-arabismo. (Civantos, 2015, p. 296)[7]

Mas a autora reconhece que, embora o trabalho poético dos autores do Sul não tenha causado grande influência na renovação da literatura árabe, o mesmo não pode ser dito no âmbito político, uma vez que "seus trabalhos representaram um papel significativo na cultura árabe devido ao seu apoio, e até envolvimento direto, com as políticas nacionais do país de origem ou com o movimento pan-arabista" (*ibidem*, p. 299)[8].

Por fim, Jayyusi confirma as mesmas tendências, mas valorizando a qualidade poética dos autores de vertente neoclássica alocados ao sul:

> Primeiro, a contribuição poética do grupo ao sul é maior em quantidade que a do grupo ao norte. Segundo, embora houvesse muitos autores em prosa no sul, os mais famosos eram poetas. Terceiro, a despeito da abundância de poetas no sul, foram os poetas imigrantes do norte que fizeram a rebelião em forma, conteúdo, dicção e tom, que introduziu temas abstratos e atitudes filosóficas, com os quais o Romantismo moderno entrou com sucesso na poesia. (Jayyusi, 1977, p.67)[9]

Em todos os textos apresentados, é curioso notar como sempre os mesmos nomes são trazidos como instrumento de análise da literatura do *Mahjar* sul-americano, sendo eles: Elias Farhat, Rachid Salim Khoury e Fawzi Maluf, além de breves citações a Chafic Maluf. Fawzi é colocado como um poeta inventivo, espécime raro entre seus pares ao Sul e igualado aos compatriotas renovadores do Norte; Elias e Rachid como expressões máximas do neoclassicismo, sempre enfatizando a aversão desses dois autores ao projeto estético de Gibran; Chafic, citado brevemente por sua obra *Abqar*, parece representado como alguém que flerta com a renovação, mas não leva a cabo tal projeto. Em contrapartida, a seção dos textos voltada a autores do Norte tende a traçar perfis mais completos dos autores, além de trazer mais nomes entre suas figuras representativas, sendo os mais recorrentes: Gibran Khalil Gibran, Nasib Arida, Mikhail

---

[6] No original: "[...] *mientras el grupo meridional abogará por un lenguaje más innovador y cantará a la existencia toda, de ahí su matiz universal, el sureño seguirá unas pautas de factura lingüística más clásicas y, en general, una línea más conservadora*".

[7] No original: "*The North American émigré writers were typically more universalist in perspective (believing that all persons and creatures are linked to and will be reconciled with the divine), whereas their counterparts to the south tended to be more nationalist or pan-Arabist*".

[8] No original: "[...] *their works played a significant role in Arab culture because of their support for, and even direct involvement in homeland national politics or the Pan-Arabist movement*".

[9] No original: "F*irst, the poetic contribution of the Southern group is far greater in bulk than that of the Northern group. Secondly, although there were many prose writers in the South, the most famous writers were poets. Thirdly, despite the abundance of poetry in the South it was the immigrant poets in the North who provided the rebellion in form, content, diction and tone, who introduced abstract themes and philosophical attitudes and with whom modern Romanticism successfully entered poetry*".

Naimy, Abd al-Masih Haddad, Rachid Ayub, Elias Abu Madi, Amin Rihani e Afifa Karam. Portanto, poderia-se argumentar que há um descompasso analítico entre ambos os polos.

Este brevíssimo escrutínio teórico não possui o intuito de negar ou propor uma revisão das tendências gerais do *Mahjar* sul-americano, mas sim de tensionar parte de tais colocações à luz de novas evidências. É inegável, como tendência geral, o teor neoclássico da produção literária produzida ao sul, ou ao menos de seus principais representantes. Portanto, o que se questiona aqui é a visão de que havia um conservadorismo estético inerente a todos esses autores, inclusive em suas colocações *sobre* literatura.

Tomando como base apenas um periódico da diáspora árabe, é possível traçar alguns tensionamentos na ideia de que havia um conservadorismo reinante nos autores do Sul. A *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes* (1935-1953), que congregou importantes nomes do *Mahjar* sul-americano, é apenas um exemplo de que a relação entre conservadorismo e renovação era muito mais complexa do que à primeira vista pode parecer. Três elementos, contraditórios entre si, instigam a reflexão:

a) A poesia veiculada na revista possuía, de fato, teor neoclássico;
b) A *Revista da Liga* publicou dezenas de artigos elogiosos a Gibran e aos autores do Norte;
c) Vários editoriais e textos publicados na revista eram vocais quanto ao apoio à renovação das letras árabes.

Embora houvesse a veiculação de uma produção poética de tendência tradicionalista, as páginas da revista também louvavam o projeto literário renovador liderado por Gibran, assim como traziam editoriais debatendo a renovação e o papel da crítica na literatura árabe de então. Editoriais como: “A renovação como a entendemos”, “A literatura corrompida” e “Entre a tradição e a renovação” são textos que discutem e advogam por tendências renovadoras; há também uma série de editoriais voltados ao papel da crítica, como “Nós temos uma crítica?”, “O que é a crítica?” e “Como entendemos a crítica”. Por fim, há também debates sobre a criação de uma literatura nacional, como dois artigos intitulados “A literatura nacional”,[10] um editorial e outro escrito por Iskander Karbaj (1885- 1953), autor, tradutor e ensaísta membro da Liga Andaluza. Todos esses textos, em maior ou menor medida, indicam que parte dos autores do *Mahjar* sul-americanos estavam inseridos em debates sobre renovação literária.

Além disso, Gibran e sua Liga da Pena tinham cadeira cativa nas páginas do periódico. Entre 1947 e 1953, apenas nos anos finais da publicação, foram encontrados dezenove textos que traziam a Liga da Pena e seus integrantes como foco (Menezes, 2024, p. 121). A publicação desses textos não se deu apenas nos últimos anos do periódico, de forma que entre 1935 e 1938 há outras publicações com elogios à figura de Gibran. Além de textos elogiosos, foi publicada a correspondência trocada por Gibran e a poeta, tradutora e ensaísta libanesa May Ziadeh (1886- 1941); também foi publicada uma seleta poética de Gibran, organizada por Habib Massaud (1889- 1977), editor-chefe

[10] Artigos devidamente identificados nas referências bibliográficas.

da revista. Há, ainda, um poema elegíaco escrito por Elias Zarur, intitulado, em tradução livre, “Em frente ao túmulo de Gibran”.

Partindo dessas evidências, podemos pensar que há hipóteses a serem exploradas, não tanto no que diz respeito à produção literária desses autores, mas sim sobre a produção de conhecimento sobre literatura. Se hoje é consenso, inclusive entre os pesquisadores citados anteriormente nesta introdução, que a produção intelectual do *Mahjar* sul-americano influenciou diretamente o debate político pan-arabista e nacionalista do Oriente Médio, faz-se urgente compreender qual o papel, e a influência, desse mesmo grupo intelectual no debate sobre a renovação da língua e da literatura árabe.

Após este breve preâmbulo, retomemos a justificativa da decisão de publicar um texto de Gibran nesta nova seção. A extensão da influência de Gibran nos autores do Sul ainda é um tema a ser devidamente explorado. Dando um passo inicial nessa exploração, delineia-se aqui a hipótese de que sua influência não se circunscreveu apenas à criação da Liga Andaluza, círculo literário responsável pela publicação da *Revista da Liga Andaluza*, cuja fundação foi sabidamente influenciada pela Liga da Pena. As evidências apresentadas indicam que seu impacto reverberou na própria maneira com que os autores do Sul entendiam literatura, sobretudo os autores vinculados à Liga Andaluza, tendo em vista a ânsia renovadora clamada por parte deles e o prestígio de Gibran nas páginas da revista.

A partir da discussão elaborada acima, optou-se por traduzir e publicar o texto de Gibran como um primeiro aceno à investigação sobre sua influência entre autores do Sul. O texto em questão é uma espécie de manifesto poético contra tendências enrijecidas, sejam literárias, políticas ou intelectuais. Publicado em 1923, o texto se relaciona diretamente com o contexto intelectual que se desenrolava em países árabes, isso é, ideais modernizantes e reformistas que tomaram força em meados do século XIX em países árabes, processo histórico conhecido por *Nahda*, literalmente “despertar”. Gibran pode ser enquadrado na segunda geração de autores reformistas, sendo essa uma geração que, ao contrário da primeira, trouxe ideais renovadores também para o campo literário (Arslane, 2024, p. 258). A inovação do autor ecoou de forma negativa entre uma parcela de autores árabes que não via com bons olhos tais tendências renovadoras, seja no campo literário ou fora dele. Por um lado, Gibran trazia em seus escritos “aversão às leis criadas pelo homem e às tradições ancestrais do mundo árabe” (Firanescu, 2011, p. 70), o que gerava a revolta de campos conservadores, como esferas religiosas, por exemplo; por outro, o autor também gerava a ira dos literatos puristas, que tomavam com repúdio inovações levadas a cabo pelo autor, como a prosa poética, a introdução de elementos coloquiais na literatura e o afastamento da métrica árabe clássica, traços que conferiram à literatura árabe “visões modernas” (Adonis, 1976, p. 64).

Nesse contexto, o autor polemiza, em afiada retórica, com os puristas que veementemente se colocam contra qualquer tipo de renovação, seja nas letras árabes ou em outros campos. Vale notar que Gibran está muito longe de ser um modernista, até porque o modernismo árabe, enquanto movimento consolidado, se dá de maneira tardia, no fim dos anos 40 e início dos 50 (Creswell, 2019, p. 7). Se fosse para enquadrá-lo em alguma vertente, seria pertinente pensá-lo enquanto um renovador, na esteira dos ideais germinados décadas antes pelos autores inseridos na *Nahda*.

Por fim, pode-se pensar a publicação do texto como um aceno a essa nova tendência investigativa, que visa desmembrar os fluxos e contrafluxos entre a literatura do *Mahjar* norte e sul-americano, assim como melhor compreender a influência de Gibran no pensamento produzido na diáspora árabe da América do Sul. A partir desse primeiro texto, busca-se, no longo prazo, traçar um paralelo entre textos publicados na *Revista da Liga Andaluza* acerca da renovação das letras árabes, para, assim, entender a posição dos autores dessa geração, e dessa posição geográfica, na renovação do sistema literário árabe ao longo dos séculos XIX e XX. Portanto, essa tradução se insere como um primeiro passo nesse ainda incipiente, mas potencialmente fecundo, debate.

في العهد الجديد[11]

مؤلف: جبران خليل جبران

في الشرق اليوم فكرتان متصارعتان فكرة قديمة، وفكرة جديدة. أما الفكرة القديمة فستُغلب على أمرها لأنها منهوكة القوى، محلولة العزم.

وفي الشرق يقظة تراود النوم، واليقظة قاهرة؛ لأنَّ الشَّمس قائدها، والفجر جيشها.

وفي حقول الشرق، ولقد كان الشرق بالأمس مبانة واسعة الأرجاء، يقف اليوم فتى الربيع مناديًا سُكَانَ الأجداث ليهبوا ويسيروا مع الأيام. وإذا ما أنشد الربيع أُغْنِيَتَه بُعِثَ مَصْرُوعُ الشتاء وخَلَعَ أكفانه ومشى.

وفي فضاء الشرق اهتزازات حَيَّة تنمو وتتمدد وتتوسع وتتناول النفوس المنتبهة الحساسة فتضمها إليها، وتحيط بالقلوب الأبية الشاعرة لِتَكْتَسِبَها.

وفي الشرق اليوم سيدان: سَيِّدٌ يأمر وينهى ويُطاع ولكنه شَيْخ يحتضر. وسيدٌ سَاكِتٌ بسكوت النواميس والأنظمة، هادئ بهدوء الحق، ولكنه جبار مفتول الساعدين، يعرف عزمه، ويثق بكيانه، ويُؤْمِنُ بِصَلَاحِيَتِه.

في الشرق اليوم رجلان: رجل الأمس ورجل الغد، فأي منهما أنت أيها الشرقي؟

ألا فاقترب مني لأتفرسك وأتبصرك وأتحقق من ملامحك ومظَاهِرِكَ، ما إذا كُنْتَ من الآتين إلى النور؟ أو الذاهبين إلى الظلام.

تعال وأخبرني ما أنت ومن أنت.

أسياسي يقول في سره: "أريد أن أنتفع من أمتي؟" أم غيورٌ مُتَحَمس يهمس في نفسه: "أتوق إلى نفع أُمتي؟"

إن كنت الأول فأنت نبتة طفيلية، وإن كنت الثاني فأنت واحة في صحراء.

[11] Texto retirado do livro *Fī ʻālam al-ruʼyā: maqālāt mukhtārah li-Jubrān Khalīl Jubrān* organizado por Mohammed Mohammed Abdul Majeed. Disponível em: https://www.hindawi.org/books/59729251.

أتاجر يتَّخِذُ عَوَزَ الناس وسيلة للربح والانتفاع، فيحتكر الضروريات ليبيع بدينار ما ابتاعه بدرهم؟ أم رجل جد واجتهاد يُسهل التبادل بين الحائك والزارع، ويجعل نفسه حلقة بين الراغب والمرغوب فيفيد المرغوب والراغب ويستفيد بعدل منهما ؟

إن كنتَ الأول فأنت مجرم سَكَنْتَ القصور أم السجون، وإن كنتَ الثاني فَأَنْتَ مُحْسِنٌ شَكَرَكَ النَّاسُ أَم جَحَدُوكَ.

أرئيس دين يحوك من سذاجة القوم برفيرا لجسده، ويصوغ من بساطة قلوبهم تاجا لرأسه، ويدعي كره إبليس ويعيش بخيراته؟ أم تقي ورع يرى في فضيلة الفرد أساسًا لرقي الأمة، وفي استقصاء أسرار روحه سُلَّمًا إلى الروح الكلي؟

إن كنت الأول فأنت كافر ملحد صُمْتَ النَّهارَ أو صَلَّيتَ الليل، وإن كنت الثاني فأنت زنبقة في جَنَّة الحق ضاعَ أريجها بين أنوف البَشَر، أم تصاعد حُرا طليقا إلى الغلاف الأثيري حيث تُحفظ أَنْفَاسُ الأزهار.

أَصَحَفِيٌّ يبيعُ فِكْرَتَه ومبدأه في سوق النخاسين، وينمو ويترعرع على ما يفرزه الاجتماع من أخبار المصائب والويلات، ونظير الشوحة الجائعة لا تهبط إلا على الجِيفِ المنتنة ؟

أم معلم واقف على منبر من منابر المدنية، يستمد من مآتي الأيام مواعظ يلقيها على الناس بعد أن يتعظ بها نفسه؟

إن كنت الأول فأنتَ بُثورٌ وقُرُوح، وإن كنت الثاني فدواء وبلسم.

أحكام يتصاغر أمام من ولاه ويستصغر من تولى عليهم، فلا يُحرك يدا إلا ليضعها جيوبهم، ولا يخطو خطوة إلا لمطمع له فيهم؟

أم خادم أمين يدير شئون الشعب ويسهر على مصالحه ويسعى إلى تحقيق أمانيه؟

إن كنتَ الأول فأنت زوان في بيادر الأمة، وإن كنتَ الثاني فأنت بركة في أهرائها.

أزوج يستبيح لنفسه ما يُحَرِّمه على زوجته، ويسرح ويمرح وفي حزامه مفتاح سجنها، ويلتهم ما يشتهيه حتى التخمة وهي جالسة في وَحْدَتِهَا أمام صحفة فارغة؟

أم رفيق لا يسير إلى أمر إلا ويده بيد رفيقته، ولا يَفْعَلُ أمرًا إلا ولها فيه فكرة ورأي، ولا يفوز بأمر إِلَّا لِتُسَاهِمَه أفراحه وأمجاده؟

إن كنت الأول فأنت ممَّن بَقِيَ حَيًّا من قبائل انقرَضَت وهي تسكن الكهوف وتلبس الجلود. وإن كنت الثاني فأنتَ في طليعة أمَّةٍ تسير مع الفجر نحو ظَهيرة العدالة والحَصَافَة.

أَكَاتِبٌ بَحَاثَةٌ يَسْمَخُ برأسه إلى ما فوق رءوسنا ما بقي في داخل رأسه، فيدب في هوتة الماضي الغابر حيثُ أَلْقَتِ الأجيال ما رَثَّ مِن أثوابِهَا، وَرَمَتْ ما لم يَعُدْ صَالِحًا لها؟ أم فكرة صافية تَتَفَحَصُ محيطها لتعلم ما ينفعه وما يضرُّه، فَتَصْرِفَ العمر في بناء النافع وهَدْمِ المضر؟

إن كنت الأول فأنت سخافة مُطَرَّسَة وبلادَةٌ مزركشة. وإن كنتَ الثاني فأنتَ خُبز للجائعين وماء للظامئين.

أشاعرٌ أَنْتَ يضرب الطنبور أبواب الأمراء، وينثر الأزهار في الأعراس، ويسير وراء الجثث الهامدة وبين فَكَّيهِ إسفنجة مثقلة بالماء الفاتر، حتى إذا ما بلغ المقبرة ضَغَطَ عَلَيها بلسانه وشفتيه؟ أم موهوبٌ وَضَعَ الله في يَدِه قيثارَةً يستولدها أنغاما علوية، تجذب قلوبنا وتوقفنا متهيبين أمام الحياة وما في الحياة من الجمال والهَوْلِ؟
إن كنتَ الأول فأنت من المشعوذين الذين لا يُنبهون في نفوسنا سوى عَكْسِ ما يقصدون، فإن تباكوا نضحك، وإن مَرِحُوا نكتئب. وإن كنتَ الثاني فأنتَ بصِيرَةٌ مُشَعْشَعَةٌ وراءَ بَصَرِنا، وشوقٌ عَذْبٌ في قُلُوبِنَا، ورؤيا رَبَّانِيَّة في غيبوبتنا.

أقول في الشرق موكبان: موكب من عجائز محدودب الظهور يسيرون متوكئين على العصي العوجاء، ويلهَثُونَ منهوكين مع أنَّهم ينحدرون من الأعالي إلى المنخفضات، وموكب من فتيان يتركضون كأن في أرجلهم أجنِحَةً، ويُهللون كأنَّ في حناجرهم أوتارا، وينتهبون العقبات كأن في جبهات الجبال قوة تجذبهم وسحرًا يختلب لبابهم.
فمن أية فئة أنت أيها الشرقي؟ وفي أي موكب تسير؟
ألا فاسأل نفسك. استجوبُهَا في سَكِينَةِ اللَّيل وقد صَحَتْ من مخدرات محيطها عَمَّا إذا كنتَ مِنْ عَبِيدِ الأمس؟ أم من أحرار الغد؟
أقول لك: إنَّ أبناء الأمس يمشُونَ في جِنَازَةِ العهد الذي أوجدهم وأوجدوه. أقول: إنَّهم يشدون بِحَبْلٍ أوهَتِ الأَيَّامُ خُيُوطَه، فإذا ما انقطع - وعما قريب ينقطع – هَبَطَ مَن تَعَلَّقَ به إلى حفرة النسيان. أقول: إنهم يسكنون منازل مُتَداعِيَة الأركان، فإذا ما هبت العاصفة - وهي على وشك الهبوب - انهَدَمَتْ تلك المنازل على رءوسهم وكانت لهم قبورًا. أقول: إن أفكارهم وأقوالهم ومنازعهم وتصانيفهم ودواوينهم وكل مآتيهم، ليست سوى قيود تجرهم بثقلها ولا يستطيعون جرها لضعفهم.
أما أبناء الغد فهم الذين نادتهُمُ الحياة فاتَّبَعُوها بأقدام ثابتة ورءوس مرفوعة. هم فجر عهد جديد، فلا الدخان يحجب أنوارهم، ولا قلقَلَةُ السَّلاسل تغمر أصواتهم، ولا نتن المستنقعات يتغلب على طيبهم. هم طائفة قليلةُ العَدَد بينَ طَوَائِف كَثُرَ عَدَدُهَا، ولكن في الغصن المزهر ما ليس في غابة يابسة، وفي حبَّةِ القَمْح ما ليس في رابِيَةٍ مِنَ التبن. هم فِئَةٌ مجهولة لكنَّهم يعرِفُونَ بعضهم بَعْضًا، ومثلَ قِمَم عالِيَة يَرَى واحدهم الآخر ويسمع نداءه ويناجيه، أما المغاور فعمياء لا تَرَى، وطرشَاءُ لا تسمع. هم النواة التي طرحها الله في حقلة ما، فشقَّتْ قِشْرَتَها بِعَزْمٍ لبابها، وتمايلتْ نصبة غضة أمام وجهِ الشَّمس، وسوف تنمو شَجَرَةً عُظْمَى، تَمْتَدُّ عُرُوقُهَا إلى قلب الأرضِ وتَتَصَاعَدُ فروعُهَا إِلَى أَعْمَاقِ الفَضَاء.

A nova era

Gibran Khalil Gibran

Há hoje no Oriente dois pensamentos conflitantes: um pensamento antigo e um pensamento novo. O pensamento antigo será superado pois está exausto em suas forças e lânguido em seu propósito.

No Oriente o despertar importuna o sono, e o despertar é magnânimo pois tem o sol como líder e a aurora como exército.

Nos campos do Oriente, outrora um mundo à parte, hoje a jovem primavera se levanta a conclamar os habitantes das tumbas, para que se levantem e marchem com o tempo. Quando a primavera entoa seu cântico, aquele abatido pelo inverno ressuscita, retira sua mortalha e caminha.

No cosmo do Oriente há vivos tremores que crescem, espalham, expandem e acolhem almas despertas e sensíveis, envolvendo-as, cercando os corações nobres e sensíveis para conquistá-los.

Há hoje no Oriente dois senhores: um senhor que ordena, censura e a quem se obedece, embora seja um velho agonizante; e um senhor quieto no silêncio das leis universais e das ordens da natureza, sereno na calmaria da verdade, um gigante de braços rijos, conhece sua grandeza, confia em seu ser e crê em sua retidão.

No Oriente hoje há dois homens: o homem de ontem e o homem do amanhã, qual dos dois és tu, ó oriental?

Aproxima-te de mim para que possa observá-lo, escrutiná-lo e para que examine sua feição e sua aparência. És parte dos que vêm à luz? Ou dos que caminham para a escuridão?

Venha e diz-me o que és e quem és.

Um político que diz em segredo: “quero tirar proveito da minha nação”? ou um homem zeloso e fervoroso que sussurra para si mesmo: “anseio pelo benefício de minha nação”?

Caso sejas o primeiro, és uma planta parasita; se fores o segundo, és um oásis no deserto.

És o comerciante que se vale da penúria das pessoas como meio de lucro e enriquecimento para, assim, monopolizar os bens e vender a um milhão o que comprou por um tostão? Ou és um homem sério e diligente que facilita a troca entre o tecelão e o agricultor, se faz de elo entre quem deseja e o que é desejado, beneficiando ambos de forma justa.

Caso sejas o primeiro, és um criminoso, quer vivas em palácios ou em prisões; se fores o segundo, és um benfeitor, quer as pessoas te agradeçam ou te repudiem.

És o líder religioso que tece da ingenuidade do povo uma túnica púrpura para seu corpo, forja da simplicidade de seus corações uma coroa para sua cabeça, afirma seu ódio pelo diabo e vive de suas benesses? Ou és um devoto piedoso que enxerga na virtude do indivíduo o pilar para o progresso da nação e na investigação dos segredos de sua alma uma escada para o Espírito Universal?

Caso sejas o primeiro, és um infiel herege, quer jejues de dia ou ores de noite; se fores o segundo, és um lírio no paraíso da verdade cuja fragrância se perdeu entre as

narinas dos homens, ou subiu livre e solta à atmosfera etérea onde se preserva a respiração das flores.

És o jornalista que vende suas ideias e princípios no mercado de escravos para crescer e prosperar se valendo de notícias sobre desastres e calamidades produzidos pela sociedade, como um abutre faminto que pousa apenas sobre o cadáver putrefato?

Ou és um mestre de pé sobre algum púlpito da civilização, extraindo dos dias lições que profere às pessoas, após ele mesmo ter com elas aprendido?

Caso sejas o primeiro, é úlcera e ferida; se fores o segundo, é fármaco e bálsamo.

És um governante que se humilha diante de quem o nomeou e menospreza aqueles sobre os quais governa, que só mexe a mão para colocá-la nos bolsos do povo e é incapaz de dar um passo sem que seja por benefício próprio?

Ou és o servo fiel que administra os interesses do povo, zela por seus direitos e se esforça para assegurar seus anseios?

Caso sejas o primeiro és joio na eira da nação; se fores o segundo, a bênção em seus celeiros.

És um marido que permite a si mesmo o que proíbe à esposa, que vagueia livre enquanto leva no cinto a chave de seu cativeiro, devora o que deseja até se empanturrar, ao passo em que ela está sentada, sozinha, diante de um prato vazio?

Ou és o companheiro que não vai a lugar algum sem estar de mãos dadas com sua companheira, que nada faz sem suas ideias e opiniões, que não alcança êxito algum sem compartilhar suas alegrias e glórias?

Caso sejas o primeiro, és um dos sobreviventes de tribos extintas, que viviam em cavernas e vestiam peles de animais. Se fores o segundo, és a vanguarda de uma nação que caminha com a aurora em direção ao crepúsculo de justiça e prudência.

És um escritor erudito que eleva sua cabeça sobre nossas cabeças apenas com o que resta dentro dela, e se rasteja no abismo do passado remoto onde as gerações jogaram seus trapos e atiraram o que não lhes é mais útil? Ou és um pensamento puro que examina o seu redor para depreender o benéfico do nocivo e, portanto, dedica sua vida a construir o benéfico e demolir o nocivo?

Caso sejas o primeiro, és um absurdo ornamentado e uma estupidez engalanada; se fores o segundo, és pão aos famintos e a água aos sedentos.

És um poeta que toca o tamborim às portas dos príncipes, distribui rosas nos casamentos, e caminha atrás dos cadáveres rígidos trazendo entre as mandíbulas esponjas encharcadas de água morna, até que, ao chegar ao cemitério, a espreme com a língua e os lábios? Ou és um ser talentoso que Deus agraciou com uma lira, da qual Ele cria melodias celestiais que arrebatam nossos corações e nos fazem parar, reverentes, ante a vida e o que há nela de beleza e terror?

Caso sejas o primeiro, és um dos charlatões que só despertam em nossas almas o oposto do que pretendem, pois, se eles choram, sorrimos e se se divertem, choramos; se fores o segundo, és uma luminosa visão interior que transpassa os limites do nosso olhar, uma saudade doce em nossos corações, uma visão divina em nosso transe.

Digo que no Oriente há dois cortejos: um cortejo de velhos corcundas que andam apoiados em bengalas tortas e ofegam exaustos, embora estejam descendo a colina; e um cortejo de jovens que correm como se possuíssem asas nos pés, vibram como se

tivessem cordas musicais na garganta e atravessam seus obstáculos como se a encosta da montanha tivesse uma força que os atrai e um feitiço que captura a razão.

A qual classe pertences tu, ó oriental? Em qual cortejo caminhas?

Ora, pergunte a tua alma. Interroga-a na quietude da noite, quando já estiver desperta dos entorpecentes que a cercam: és escrava do ontem ou livre como o amanhã?

Digo-te: os filhos do ontem caminham no cortejo fúnebre da era por eles engendrada e que os engendrou. Digo-te: agarram-se a uma corda cujos fios o tempo enfraqueceu, e quando se romper — e está prestes a ser rompida — cairão na cova do esquecimento quem a ela se ater. E digo: eles vivem em casas em ruínas, e quando a tempestade bater — e ela está prestes a irromper — as casas cairão sobre suas cabeças e servir-lhes-ão de túmulo. Digo: suas ideias, palavras, intenções, obras e poemas — e tudo o que produzem — não passam de grilhões que os arrastam, pois a fraqueza não os permite arrastá-los.

Quanto aos filhos do amanhã, são aqueles que a vida conclamou e eles a seguem com passos firmes e cabeças erguidas. São a aurora da nova era, nenhuma fumaça cobre sua luz, nem o tilintar das correntes abafa suas vozes, nem o fedor dos pântanos ofusca seus perfumes. São um grupo pouco numeroso entre outros grupos mais numerosos, mas no ramo florido há o que não há numa floresta seca, e num grão de trigo há o que não há em um monte de feno; formam um grupo desconhecido, mas se reconhecem entre si; como os altos picos, enxergam uns aos outros e ouvem seus apelos e confidências; quanto às cavernas, são cegas e surdas, não veem e não ouvem. Eles são a semente plantada por Deus em algum campo, ela rompeu sua casca pela força de seu âmago e se balançou, um broto jovem, na face do sol, crescerá uma grande árvore, cujas raízes chegarão ao coração da terra e seus ramos se elevarão às profundezas do espaço.

Referências bibliográficas

Adonis. (1976). *Introduccion a la poesia árabe*. Publicaciones del Instituto de Estudios Orientales y Africanos de la Universidad Autónoma de Madrid.

Arslane, G. (2024). Rethinking Mahjar literature and the Arab Nahḍah: Jubrān's critical intervention. *Journal of Arabic Literature*, *55*(2-3), 253–285. https://doi.org/10.1163/1570064X-12341518.

Badawi, M. M. (1975). *A critical introduction to modern Arabic poetry*. Cambridge University Press.

Civantos, C. (2015). Migration and diaspora. In D. F. Reynolds (Org.). *The Cambridge companion to modern Arab culture* (pp. 293–311). Cambridge University Press.

Creswell, R. (2019). *City of beginnings: Modernism and poetics in Beirut*. Princeton University Press.

Firanescu, D. R. (2011). Renewing thought from exile: Gibran on the New Era. *Synergies Monde arabe*, (8), 67-80. https://gerflint.fr/Base/Mondearabe8/rodica_firanescu.pdf.

Jayyusi, S. K. (1977). *Trends and movements in modern Arabic poetry* (Vols. 1–2). E. J. Brill.

Lillo, R. I. M. (2009). El mahyar del ayer al hoy: dimensión literaria y cultural. In *Contribuciones árabes a las identidades iberoamericanas*, 349–376. Casa Árabe-IEAM.

Menezes, M. (2024). *Legado de um certo Oriente: a Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes (1935-1953)*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. doi:10.11606/D.8.2024.tde-07112024-113321.

Mohammed, M. A. M. (Org.). (2019). *Fī ʻālam al-ruʼyā: Maqālāt mukhtārah li-Jibrān Khalīl Jibrān*. Hindawi.

Artigos da *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*:

A literatura corrompida (الأدب الدجال), editorial. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano I, ed. 2.

A literatura nacional (الأدب القومي), autoria de Iskander Karbaj. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano I, ed. 6.

A literatura nacional (الأدب القومي), editorial. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano I, ed. 6.

*A renovação como a entendemos (*التجديد كما نفهمه*)*, editorial. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano IV, ed. *mumtaz*.

Como entendemos a crítica (كيف نفهم النقد), editorial. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano V, ed. 3.

Entre a tradição e a renovação (بين القدماء والمحدثين), editorial. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano VII, ed. 9/10.

Em frente ao túmulo de Gibran (أمام مثوى جبران), poema de Elias Zarur. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano IV, ed. *mumtaz*.

Nós temos uma crítica? (هل عندنا نقاد؟), editorial. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano II, ed. 7.

O que é a crítica? (ما هي النقد), editorial. *Revista da Liga Andaluza de Letras Árabes*. Ano III, ed. 6/7.

DOI desta publicação: https://doi.org/10.34024/p5x2nx55.